



COMO SE CONDUZIR NUMA SOCIEDADE NA QUAL A VIOLÊNCIA SE FAZ PRESENTE EM TODOS OS SETORES?

POR RODRIGO NÓBREGA MARTINS



Capa da presente edição.
Marielle Franco sorri.

Violência gera violência. Ódio gera ódio. Incompreensão gera incompreensão. Não é chavão. Não é poesia. Não é literatura. Não é frase de efeito, para chamar à atenção de quem quer que seja. É fato, e contra fatos não há argumento. Violência, fatalmente, gera violência.

E vivemos a violência em todos os sentidos. Violência contra a infância; violência contra os idosos; violência contra os negros; contra os homossexuais; violência contra os animais; violência contra as plantas; violência contra o feminino; violência contra tudo que é diferente...

Violência física; violência psicológica; violência contra nossos direitos; violência na TV: na novela, no filme infantil; violên-

cia no lar, e por isso, na praça, no parque, na esquina, no bar, no cinema. Violência pública e particular. Violência contra o bom senso.

Violência tão enraizada que usa-se a violência contra a violência. É a violência do estado, da polícia contra a violência praticada pelos demais...

Violência como uma instituição social, encarada como um mal necessário, algo que é inerente à vida e à sociedade. Será?

Em tempos assim, temos que ter em nosso coração e nossa mente, a certeza de que um indivíduo consciente, a despeito do que possa parecer, pode muito do que parece poder.

Um indivíduo que não revida, que não desconta, que não rebate; que não vive o “olho por olho” é um vetor, uma referência, um caminho...

Mas não cuide que este discurso seja como um convite ao apascentamento ou algo similar. Ao contrário, aqueles que, na linguagem humana, cometeram um crime, devem arcar com as responsabilidades de seus atos, cumprindo suas penas de forma digna e honesta. Isto é claro e sobre tal não há discussões.

O que pretendemos inferir e partilhar convosco é que a onda de violência, de incompreensão

sempre se enfraquece quando encontra um indivíduo pacificado porque ele não passa o “recado” à frente.

Se fui agredido, não significa que tenho o direito de agredir. Se fui machucado, não quer dizer que tenho o direito de machucar. A vida não é um “toma-lá-dá-cá”.

Nesta edição, tivemos a felicidade de receber trabalhos nos quais a violência, especialmente a violência direcionada ao feminino, esteve como ponto central.

E nada foi programado, o que nos deixou jubilosos porque mostra que nossos amigos estudantes estão atentos, preocupados, atentos a tal situação...

Foi assim que surgiu a presente edição, cuja capa dispensa apresentações. Aqui, trazemos uma série de músicas, de textos e imagens que consideramos significativos a todos nós.

Calha-nos a oportunidade para repetir uma vez mais que o nosso trabalho - bastante árduo - não é somente contuístico. Antes disso, importa-nos cultivar o respeito em todos os sentidos. O respeito pelo outro, semelhante ou não. Humano ou não.

Nesse sentido, nosso trabalho pretende ser uma sementinha contra a violência de qualquer ma-

Violência tão enraizada que usa-se a violência contra a própria violência. É a violência do estado, da polícia praticada pelos demais...

tiz, em qualquer campo, de qualquer maneira...

Essa sementinha, fazemos questão de plantá-la na educação básica, porque entendemos que é lá que ela germinará com o vigor necessário para gerar o fruto que desejamos.

Agimos assim por entendermos que somos todos iguais; homens, mulheres, crianças, idosos.

No ensejo, parabenizamos a Sâmia, o Tales e o Benedito por seus trabalhos. Eles foram, mais uma vez, brilhantes. Boa leitura a todos.

Os editores.